

A joaninha era de Nossa Senhora.
Designações açorianas
no campo lexical da fauna*

por Xosé Afonso Álvarez Pérez**

1. Introdução

Num trabalho apresentado no III Colóquio «O Faial e a Periferia Açoriana nos séculos XV a XX», assinalavam José Bettencourt e João Saramago que “apesar de haver vários estudos parcelares sobre diferentes aspectos dos falares de algumas das ilhas açorianas, são escassos os trabalhos que se debruçam sobre uma perspectiva mais global, visando a caracterização e filiação destes falares relativamente às variedades do Português do continente” (Saramago e Bettencourt 2004: 543).

Este texto atende a intenção de contribuir também para o estudo do léxico açoriano, mas numa perspectiva complementar à desenvolvida por estes dois investigadores. Este trabalho tem uma dupla finalidade. Por um lado, pretende-se informar sobre alguns dos mecanismos existentes na língua para criar designações, que têm em conta não só aspectos materiais – como o aspecto físico do conceito nomeado – mas também todo tipo de crenças relacionadas com o objecto, animal ou planta a que se quer dar nome. Por outro lado, pretende-se dar conta da distribuição lexical no arquipélago, prestando especial atenção aos açorianismos, entendidos como palavras documentadas nos Açores e que não se documentam na actualidade no português continental.

Com esta intenção, serão estudadas aqui as designações existentes nas *ilhas desconhecidas* para três conceitos do campo semântico dos pássaros (vinagreira, toutinegra e lavandeira) e outros três dos dos pequenos artrópodes (joaninha, tira-olhos e carrapato). Os dados provêm do projecto *Atlas Linguístico-Etnográfico*

* A elaboração deste trabalho contou com financiamento do *Ministerio de Educación do Gobierno de España* e da *Fundación Española para la Ciencia y la Tecnología*; este insere-se dentro do projecto *Tesouro Dialectal Português* (Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Portugal, PTDC/CLE-LIN/102650/2008). O autor agradece o constante apoio e ajuda de João Saramago.

** Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

de Portugal e da Galiza, ALEPG¹, a partir do qual nasceu a iniciativa do *Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores*, ALEAç, patrocinado pela Direcção Regional da Cultura e actualmente em processo de publicação. Para realizar este último atlas pesquisaram-se em diferentes anos (1979, 1981 e 1995-1996) 17 localidades açorianas²: 1 – Corvo (Corvo); 2 – Fajãzinha e 3 – Ponta Ruiva (Flores); 4 – Castelo Branco e 5 – Cedros (Faial); 6 – S. Roque e 7 – Terras (Pico); 8 – Calheta e 9 – Rosais (S. Jorge); 10 – Carapacho (Graciosa); 11 – Altares e 12 – Fontinhas (Terceira); 13 – Mosteiros, 14 – Rabo de Peixe, 15 – Ponta Garça e 16 – Nordeste (S. Miguel); 17 – Santo Espírito (Santa Maria).

Os materiais açorianos serão comparados com as designações recolhidas na rede do ALEPG que, excluindo os pontos situados do lado espanhol da fronteira, abrange um total de 176 localidades no Continente e 7 na Madeira. Porém, como ainda não está completa a transcrição das gravações efectuadas nos inquéritos, não se puderam recuperar os dados de todas elas, mas trata-se de ausências limitadas e esporádicas que não afectam os objectivos nem as conclusões do trabalho. No processo de exame de açorianismos foram também tidos em conta outros materiais dialectais do território português e também dicionários representativos.

2. Designações do pisco ou vinagreira (*Erithacus rubecula*)

2.1. Designações nos Açores

Para dar nome ao *Erithacus rubecula* encontramos nos Açores 14 respostas, que podemos agrupar em oito designações distintas, criadas mediante quatro procedimentos diferentes:

a) O mecanismo mais importante forma designações com referência ao físico do animal; mais em concreto, à grande mancha laranja que, sobre uma plumagem branca ou grisalha, tem o pássaro no peito ou papo. Distinguiremos dois grupos. No primeiro deles, presente nas ilhas do Pico, S. Jorge, Terceira e S. Miguel, este animal é conhecido por *vinagreira* (também se recolheu a variante *vinagrita*), comparando a tonalidade dessa mancha com a cor do vinagre.

O outro conjunto de designações tem como base o substantivo *papo*, a zona anatómica pela qual se estende essa coloração destacada. No Faial e no Pico, recolheram-se as respostas *papinha* e *papinho*, sem especificação, enquanto na Graciosa a forma é *papo-amarelo*. No Pico, aparecem também as formas *papalva* e *papalvinha*; o informante aclara que é um passarinho com o peitinho vermelho, amarelinho, e a cabeça mais branquinha (seria por isto que se diria *alvo*), o que permite associá-lo com o pisco, embora haja testemunhos de *papalvo* para nomear outras aves e, mesmo, a fuinha.

¹ Para mais informação sobre esta obra, pode-se consultar Saramago (2006).

² Indico a numeração empregue nos mapas do ALEAç.

b) O segundo grupo de designações recorre à antroponímia; isto é, associa-se ao pássaro um nome de pessoa, um mecanismo muito frequente para designar nomes de animais, como se observará ao longo deste trabalho. Obedece tal procedimento a duas intenções básicas. Dum lado é, em certo modo, uma (auto-)projecção do mundo humano na realidade animal; doutro, empregue com animais que o homem aprecia ou respeita especialmente (veja-se o caso da joaninha), é um sistema para ligá-lo ao mundo religioso e sobrenatural, adjudicando-lhe nomes de santos, por exemplo, e nesse sentido relacionam-se também com os tipos designativos que serão comentados na secção c).

Em S. Jorge apanhou-se *melro-joão*, para, segundo o informante, dar nome a um pássaro pequenino, de cabecinha amarela e cinzento de corpo, pouco maior do que a lavadeira ou alvéloa; pelas cores, poder-se-ia tratar do pisco, mas normalmente este pássaro é mais pequeno do que a lavadeira. Não deve estranhar o uso da palavra *melro*, que, embora propriamente designe exemplares da família dos turdídeos, também é usada em português para pássaros de diverso tipo: por dar só um exemplo, na Madeira o pintassilgo pode ser designado *melro-de-Nossa-Senhora* (Cândido de Figueiredo). No que diz respeito ao antropónimo *João*, trata-se dum dos mais frequentes em Portugal, seja na forma masculina, seja na feminina. Com base no comentado mecanismo de aproximar o mundo natural ao mundo do homem mediante o uso da onomástica, é natural que se empregue um nome tão popular para designar plantas ou aves; uma simples consulta do dicionário Cândido de Figueiredo evidencia a existência de mais de 30 entradas encabeçadas por *João* que designam seres do reino animal ou vegetal: *joão-da-costa*, *joão-bobo*, *joão-grande*, etc.³. Não se trata duma inovação portuguesa, pois também na Espanha se emprega o popular nome *Pepe* (diminutivo de *José*) para dar nome ao pisco (Hernández 2003: 212).

Outro nome muito popular é o que foi recolhido em dois pontos da ilha de S. Miguel para dar ao pisco a designação de *santo-antoninho*. O santo desse nome tem muita devoção, não só na Lisboa que o viu nascer no século XII, mas também em todo Portugal e no Brasil, e na própria ilha micalense há várias invocações a tal santo (igreja no Nordestinho ou em Ponta Delgada, forte em Vila Franca do Campo, etc.). Essa popularidade reflecte-se na língua e, além do pisco aqui estudado, *santo-antónio* pode designar tipos de ameixa e pêra (Morais) ou ser o nome vulgar dum peixe (Morais); *santantoninhas* é outro nome para a planta arbustiva conhecida comumente *alfenas* (Porto Editora). Como evidenciam os dados do ALEPG, nalguns pontos do centro de Portugal existe, para a joaninha, a designação *bicho de santo António*, com um esquema similar ao assinalado no parágrafo seguinte.

c) Numa terceira divisão, à que também poderíamos acrescentar a última designação comentada no parágrafo anterior, é a forma *bicho-de-Nossa-Senhora*. É muito habitual, não só em português, mas em todas as línguas românicas, criar

³ Na Terceira recolheu-se *pai-joão* para o palaio (ceco) do porco.

uma designação com base numa palavra genérica (*bicho, animal, ave,...*) acompanhada dum modificador religioso ou mágico-religioso, que normalmente expressa a afectividade e respeito que o homem sente pelo animal, protagonista de lendas ou propiciador de benefícios (veremos algumas quando falarmos da joaninha)⁴. Há outros casos incluídos neste trabalho, por exemplo *galinha-de-Nossa-Senhora* (lavadeira) e *mosquinha-de-Nossa-Senhora* (joaninha).

d) Por último, encontramos uma forma curiosa, *caixinha*, recolhida em Santo Espírito, na ilha de Santa Maria. Não aparecem outros exemplos nos dicionários e obras consultadas, como também não existem informações que nos ajudem a explicar esta forma. Eventualmente, será uma comparação entre alguma tonalidade da madeira (material das caixas do artesanato tradicional) e a mancha laranja do peito da vinagreira ou as penas castanhas da parte superior, especialmente as dos exemplares mais novos.

2.2. Designações no Continente e na Madeira

Em Portugal continental, apareceram 13 tipos de resposta distintos⁵ para designar o *Erithacus rubecula*, dos quais *pisco* (com as variantes *pisca* e *pisquinho*) é a forma mais popular, e com uma frequência elevada, pois representa 75% do total de respostas (69 das 92 que se obtiveram) e é conhecida por todo o país, de norte a sul, mas só no continente, pois é forma ausente nos dois arquipélagos. As outras respostas, bastante menos frequentes, encontram-se em zonas concretas de Portugal. Assinalemos unicamente *papo-amarelo* (em cinco pontos de Beja, Faro e Leiria), *pintarroxo* (em quatro pontos de Beja, Coimbra e Vila Real), *porco-pisco* e *porco-bispo* em quatro pontos de Bragança⁶ ou, finalmente, *pimento* e *pimenteiro* numa localidade de Castelo Branco e noutra da Guarda.

Pelo contrário, na Madeira todas as respostas têm *papo* na base e, excepto um *papo roxo* (Estreito de Câmara de Lobos), têm um correspondente nos Açores; são *papinho* e *papinha*, que aparecem em 4 localidades (Curral das Freiras, Calheta, Porto da Cruz, Boaventura) e *papo* ou *papinho amarelo*, recolhidas em duas, Curral das Freiras e Santa (Pombais).

2.3. Respostas açorianas não documentadas no Continente

Das oito designações diferentes registadas nos Açores para nomear este pássaro, apenas duas (*papinha/o* e *papo amarelo*) se conhecem no Continente, segundo os dados do ALEPG e o outro material utilizado. Tendo em conta a sua vitalidade, das 14 respostas obtidas na nossa rede, 11 eram exclusivas das ilhas.

⁴ No caso da vinagreira, nas Fontinhas (Terceira), recolheu-se como informação etnográfica que a presença deste pássaro é “sinal de sorte ou de notícia”.

⁵ O número total de respostas, 92, é baixo, porque este animal não fazia parte do inquérito original do ALEPG, razão pela qual não foi interrogado sistematicamente em todos os pontos.

⁶ Para a sua origem, veja-se o assinalado por Caprini (2009: 436).

A primeira dessas formas é *vinagreira/vinagrita* (Pico, S. Jorge, Terceira e S. Miguel). Para além do seu significado primário de ‘vasilha em que se prepara ou guarda o vinagre’, também se pode empregar em português para designar algumas plantas (por exemplo, a *azedra* ou a *fanfã*, como afirma o dicionário da Porto Editora) ou um molusco (*lebre-do-mar*, Porto Editora).

Como se referiu anteriormente, designações de base genérica e modificador mágico-religioso, como *bicho-de-Nossa-Senhora* (Pico), ou formas antroponímicas como *melro-joão* (S. Jorge) e *santo-Antoninho* (S. Miguel) são frequentes no português para dar nome a plantas ou animais de todo tipo, mas não se registam no continente como nomes do *Erithacus rubecula*, razão pela qual, e nesta acepção, podem ser considerados açorianismos. Do mesmo modo, há vários pássaros denominados *papalvo*, entre eles a codorniz ou o pedreirinho (*Cinclodes pabsti*), mas não encontramos testemunho noutros sítios, a não ser na ilha do Pico, em que esta palavra designe o pisco ou vinagreira.

Por último, já se assinalou que *caixinha*, documentada em Santo Espírito (Santa Maria) é uma forma totalmente enigmática, da qual não se registam utilizações para designar algum pássaro.

3. Designações da toutinegra (*Sylvia atricapilla atlantis*)

3.1. Designações nos Açores

As 20 respostas recolhidas para esta espécie no arquipélago têm em conta a coloração distinta das penas da cabeça com respeito ao resto do corpo (negras nos machos e castanhas arruivadas nas fêmeas). Há apenas três tipos lexicais diferentes, divididos em dois grupos, segundo se explicita ou não a cor da plumagem.

O primeiro deles utiliza apenas o substantivo *touta* (com a variante fonética *toita*), um sinónimo de *cabeça* e, mais especificamente, de *topete*, a parte do cabelo que fica eriçada e levantada na frente da cabeça ou, aplicado especificamente a pássaros, as penas alongadas que se erguem na cabeça de aves como a cotovia⁷. Este tipo é o maioritário e está presente do oriente ao ocidente do arquipélago, com 11 registos nas Flores, S. Jorge, S. Miguel e Sta. Maria.

O segundo grupo reforça a descrição física, acrescentando um adjectivo que faz referência à cor das penas da cabeça. Assim, o processo normal é juntar um qualificativo ao substantivo *touta*, e, deste modo, aparecem 8 registos de *toitinegra* ou *toutinegra* no centro e oriente: Corvo, Faial, Pico, S. Jorge e Terceira. Mas também se pode utilizar outro substantivo, mais genérico, em lugar de *touta*; é o caso do registo isolado que aparece no Carapacho, na ilha da Graciosa: *cabeça-negra*.

⁷ Para a etimologia, cf. DCECH, s.v. *atocha*.

3.2. Designações no Continente e na Madeira

Ao contrário do que acontece nos Açores, tanto no Continente como na Madeira, é *toutinegra* a resposta maioritária, com uma enorme vitalidade (um 66'67% das respostas madeirenses e 80'26% das de Portugal continental). A variante sem especificador de cor, *toutina/o*, (diminutivo de *touta*, conhecida também no arquipélago açoriano), aparece em três pontos dos distritos de Coimbra e Leiria.

A *cabeça-preta* que particularizava a Graciosa em relação ao resto das ilhas não é exclusiva da *Ilha branca*, pois também se documentou na Madeira (Cural das Freiras) e em três pontos do Continente, num e noutro extremo, nos distritos de Bragança e Faro.

3.3. Respostas açorianas que não se documentam no Continente

Não existe no Continente, para designar este pássaro, o substantivo *touto/a*, *toito/a*, raiz de designações já comentadas, como *toutino/a* ou *toutinegra*, e que representa 11 das 20 respostas recolhidas nos Açores (55%).

4. Designações da lavandeira ou alvéola (*Motacilla cinerea*)

Dentro desta família de pássaros existem duas espécies importantes, a *Motacilla alba* e a *Motacilla cinerea*. Muitos dos nomes comuns recolhidos para o animal são atribuídos a uma ou outra indistintamente; assim, *alvéola* em geral designa, normalmente, uma qualquer, mas se o falante quiser precisar, falará em *alvéola-branca* ou *alvéola-cinzenta*, respectivamente. No entanto, e segundo os ornitólogos (ICNB), é só a *Motacilla cinerea* que nidifica na ilha, mais concretamente a subespécie *patriciae*.

4.1. Designações nos Açores

Para compreender as designações existentes nos Açores, teremos que nos ater às características físicas do animal, ao seu comportamento e, inclusive, às diferentes crenças populares que se associam a esta ave.

A designação mais frequente, 11 das 21 respostas recolhidas nos Açores, é *lavandeira*. Assim se denominou no Corvo, Flores, Faial, Pico, S. Jorge e Terceira. A priori, surpreende que um pássaro receba o nome duma profissão. Quais são os motivos? Normalmente pensa-se em dois: por um lado, este animal alimenta-se fundamentalmente de insectos e larvas, que encontra em quantidade nas ribeiras e demais cursos de água; por isso, frequenta muito esses lugares e, quando havia pessoas lavando nos rios, não se importava e caminhava entre elas à procura da sua comida. Por outro lado, os movimentos que fazia com a sua cauda, um contínuo

vaivém, semelhavam estar a imitar os golpes que as mulheres, que estavam a lavar, davam à roupa. E, assim, este pássaro começou a ser denominado metaforicamente *lavandeira*, na linha do processo de humanização do mundo animal já referido em 2.1.

Na Graciosa, documenta-se a forma *lavradeira*. Embora não seja rara a inserção dum *r* em determinados contextos fonéticos, neste caso parece que estamos diante dum cruzamento de *lavandeira* com o verbo *lavar*, pois existem em línguas vizinhas designações que também têm a ver com a agricultura, como *lavandera boyera* (‘boieira, que acompanha os bois’) no castelhano, para a *Motacilla flava*, ave do mesmo género e semelhante fisicamente à alvéola. Qual seria a motivação? A mesma que designações equivalentes noutros pássaros: a alimentação. Quando o arado está a lavar, move a terra e desloca as pedras, o que ajuda a que os pequenos invertebrados que vivem nela saiam à superfície, onde são comidos pelos pássaros, que também complementam a sua dieta com as sementes espalhadas pela terra lavrada. Por isso, dada a sua presença habitual, para buscar a comida, nos terrenos que estão a ser trabalhados é que se pode explicar o cruzamento com o verbo *lavar*.

O segundo grupo de respostas está presente nas ilhas orientais, S. Miguel e Santa Maria e tem em conta só o aspecto físico. Trata-se do tipo *alvéola* (com diferentes variantes), que continua um lat. *ALBELLULA* (derivado de *ALBU-*, ‘branco’). Como se indicou anteriormente, há diferentes espécies dentro do mesmo género e os nomes podem passar duma a outra com facilidade ou empregar-se como genéricos. Assim, embora a *Motacilla alba* seja a espécie de plumagem mais branca (tem branca quase toda a cabeça, enquanto a espécie existente nos Açores só é branca à volta dos olhos), a forma *alvéola* é um nome genérico que também se pode aplicar à *Motacilla cinerea*, mas quando o falante quer precisar, para distingui-la dos outros membros da família, designa-a *alvéola-cinzenta*.

O terceiro grupo está formado por um substantivo genérico (*avezinha* ou *galinha*) acompanhado dum modificador de tipo mágico-religioso (*de-Nossa-Senhora* ou *de-Nosso-Senhor*): *avezinha-de-Nossa-Senhora* nas Flores, *galinha-de-Nossa-Senhora* no Faial e na Terceira e *galinha-de-Nosso-Senhor* também na Terceira. Para justificar estas designações, assinalemos que a lavandeira tem associadas muitas crenças populares que a convertem num animal *mágico*, como se pôde constatar nos inquéritos do *Atlas Linguístico e Etnográfico dos Açores*⁸. Na Fajãzinha, na ilha das Flores, foi informado que “muita gente tem agouro com as lavadeiras: quando elas andam a piar e andam muito alegres, que é boa nova; quando elas andam mais tristes, que passam só e não piam, que é má nova”. Na outra ponta do arquipélago, no Nordeste (S. Miguel), diz-se que o aparecimento duma

⁸ Algumas destas crenças já apareciam recolhidas nos livros escolares do século XX. Pode levantar-se por tanto, a dúvida de se seria por esta via *culta* que haviam entrado no folclore estas lendas, mas a enorme presença de crenças populares referidas a pássaros e pequenos animais em diferentes culturas faz com que seja mais provável o percurso inverso: da cultura popular aos livros, como amostra folclórica. Agradeço aos Professores Edufno de Jesus e Nelson Veríssimo as amáveis informações fornecidas.

lavandeira significa que há gente que está a inventar enredos e intrigas e, na mesma ilha, em Mosteiros, indicou-se que as que têm o papo preto dão azar. Tanto pelos presságios positivos como pelos negativos, esta ave é um animal respeitado e em todas as ilhas os pais ensinam aos filhos que nos ninhos das lavandeiras não se toca. Este carácter mágico explica também o vínculo do pássaro à religião e à criação de lendas, como a recolhida na citada Fajãzinha, que explica que as lavandeiras são aves abençoadas porque “quando Nossa Senhora dia (ia) para o Egipto, mais o Senhor São José, elas iam escondendo as pegadas do animal para não irem à procura deles”.

4.2. Designações no Continente e na Madeira

No Continente, podemos verificar a existência, em grande linhas, duma repartição territorial. Existe uma forma mais presente no norte, que é o tipo *lavandeira* ou *lavrandeira*, que foi documentado em 48 ocasiões, nos distritos de Aveiro, Bragança, Castelo Branco, Coimbra, Guarda, Porto, Viana do Castelo, Vila Real e Viseu. Nos Açores, esta é a designação que foi apanhada no ocidente e centro do arquipélago.

Mas a resposta maioritária em Portugal continental, que se estende por 100 pontos do centro e sul do país (distritos de Aveiro, Beja, Castelo Branco, Coimbra, Évora, Faro, Guarda, Leiria, Lisboa, Portalegre, Porto, Santarém, Setúbal e Viseu), é o tipo *alvéola* ou *arvéola*, que nos Açores é forma exclusiva de S. Miguel e de Santa Maria.

As designações do tipo *boieira* ou *passarinha* foram recolhidas em 12 localidades do continente, adscritas aos distritos de Braga, Bragança, Guarda e Porto. A estas, temos de acrescentar um *arvéola boieira* que se documenta num único ponto de Setúbal.

No que diz respeito à Madeira (que tem como espécie representativa a *Motacilla cinerea schmitzi*, ligeiramente diferente das restantes, de cauda mais preta), ela alinha com o norte de Portugal e o centro e ocidente dos Açores, pois das seis respostas recolhidas, cinco são *lavadeira* ou *lavandeira*. Em Porto Santo foi obtida uma designação diferente, *bica*, que não se conhece com este significado em nenhum outro ponto insular ou do português europeu. É curioso o tratamento de *bica* nos principais dicionários portugueses. Cândido de Figueiredo define-a como “nome de uma planta madeirense (*Anthus trivialis*)”, de onde seguramente foi tomada para a actualização do dicionário de Morais (“nome de uma planta madeirense”), mantendo o erro original, pois ninguém reparou em que o *Anthus trivialis* não é planta, mas sim um pássaro... Tal ave é da família das *Motacillidae*, como a que estamos a estudar; isso, e tendo em conta que a alvéola ou lavandeira é pouco presente ou desconhecida na ilha de Porto Santo, segundo os ornitólogos (ICNB: 346), leva-nos a crer que estejamos diante duma confusão de referente.

4.3. Respostas açorianas que não se documentam no Continente

Neste caso, a diferenciação lexical é muito menor do que a que ocorre com as denominações dos dois pássaros estudados anteriormente. Apenas *avezinha-de-Nossa-Senhora* (Flores) e *galinha-de-Nossa-Senhora* (Faial e Terceira) se podem considerar como respostas específicas açorianas, embora não totalmente, pois documentou-se uma forma muito semelhante, *galinha-de-Nosso-Senhor*, num ponto de Leiria.

5. Designações da joaninha (*Coccinella undecimpunctata*)

Toda a família *Coccinellidae* tem uns 5000 tipos distintos, e só dentro do género *Coccinella* há mais de 12 espécies (e bastantes mais subespécies) na Europa, uma diversidade que tem reflexo nos nomes vulgares⁹. É habitual também que, devido à planificação agrícola, joaninhas doutras partes do mundo sejam importadas para outro continente, como aconteceu com a *Harmonia axyridis*, nativa da Ásia oriental, que foi introduzida em na América do Norte e na Europa para controlar as pragas de afídios e cochilhas, mas que ela mesma se revelou uma praga que atentou contra a diversidade, ao depredar as espécies autóctones¹⁰. Enquanto em Portugal continental, como no resto de Europa, a espécie mais habitual é a *Coccinella septempunctata*, nos Açores o tipo representativo é a *Coccinella undecimpunctata*.

No estudo das designações deste animal jogam um papel muito importante as cantigas, muitas delas infantis, que se constroem ao seu redor. Para explicar designações portuguesas como *avoa*, *avoa-voa*, *voa-voa*, etc., temos de conhecer aquela lengalenga *Joaninha, voa-voa / que o teu pai está em Lisboa* que logo é completada de modos muito diversos no território: *com um caldinho de galinha / para dar à Joaninha*; *com um saco de dinheiro / p'ra pagar ao sapateiro*; *com um rabinho de sardinha / para comer, que mais não tinha* ou *com um rabinho de sardinha / para dar à Joaninha*, etc. Não são designações exclusivas do português, pois existem formulações semelhantes noutras línguas românicas, por exemplo em dialectos italianos: *vola vola volandrina*, *che to mamma l'e n'a farina* 'voa, voa, voadora, que a tua mãe está na farinha' (Barros Ferreira 1990: 105).

⁹ Em muitos casos existem nomes específicos para cada uma das variedades: *joaninha-australiana* (*Rodolia cardinalis*), *joaninha-vermelha* (*Cycloneda sanguinea*), *joaninha do Japão* (*Harmonia axyridis*), etc.

¹⁰ Veja-se, por exemplo, <http://www.azoresglobal.com/canais/noticias/noticia.php?id=16398> (última consulta: 10 de maio de 2010).

5.1. Designações nos Açores

Todas as ilhas conhecem a resposta *joaninha* (17 ocorrências), uma designação antroponímica formada sobre o nome *João*, que já vimos que estava presente também em pássaros e plantas. Tenha-se presente que, junto com Pedro ou Maria, é o nome dum dos santos mais queridos, e presentes, do cristianismo. Portanto, não surpreende que se lhe queira associar este animal pacífico, benéfico para os cultivos, que não é temido pela gente (não pica, a diferença de tantos outros insectos), mas que é respeitado, por ser animal que pode trazer sorte e boas novas, como veremos. Nalguns casos, *joaninha* foi uma resposta sugerida pelos inquiridores, não oferecida pelo informante espontaneamente; ademais, em vários lugares em que coincide com outras denominações, por exemplo nas Fontinhas (Terceira), indica-se que *joaninha* é uma forma moderna, que pode estar suplantando, portanto, outros tipos tradicionais.

A segunda forma em vitalidade é *boa-nova*, que aparece no grupo central, no Pico, Graciosa e Terceira, com um só registo em cada ilha. Uma das muitas crenças associadas à *joaninha* é que a sua visão dá sorte, pressagia sucesso (especialmente se a *joaninha* pousa no dedo da pessoa), e a direcção em que vá voar, indica de onde virá a sorte para a pessoa.

Só na ilha de S. Miguel é que se registou *carochinha*, que ali alterna também com *joaninha*. Normalmente esta é uma designação genérica que pode designar diferentes coleópteros. Por último, assinalemos duas designações fornecidas unicamente no Corvo, mas que, como se indicará, têm paralelos no Continente. São elas *avinha-de-Nosso-Senhor* e *mosquinha-de-Nosso-Senhor*. Não surpreendem estas designações, visto que uma das características relevantes do insecto, como fica demonstrado com as lengalengas, é a sua capacidade para voar, e não é um voo qualquer, pois pode ter finalidade mágica, como pressagiar o sucesso ou ser resposta ao pedido do falante, que recitou a lengalenga oportuna; portanto, para marcar o carácter sobrenatural do voo, acrescenta-se o modificador religioso.

5.2. Designações no Continente e na Madeira

No Continente é também *joaninha* a denominação maioritária, que representa 106 das 227 respostas, mas não é a única que se baseia na antroponímia: há outras 35 respostas que tomam nomes próprios (Catarina, Maria, António,...) para construir a designação. Ao seu lado, distinguimos também um segundo grupo (27 respostas), que adopta outras designações de tipo antropomórfico – neste caso, ofícios – que também personalizam o animal, por exemplo *alfaiate* ou *moleirinha*.

O terceiro grupo, documentado em 13 ocasiões na nossa rede, é o daquelas designações de tipo genérico (*bicho* e *pita*, especialmente) que vão acompanhadas dum modificador *do-Nosso-Senhor* ou da invocação dalgum santo: *bicho-de-São-João*, *bicho-de-Santo-António*, etc. Por último, com carácter já mais minoritário,

documenta-se outra série de designações menos frequentes, entre as que podem ser citadas, pela sua vitalidade, *bichinho de flor*, ou *de sete flores* (devido às manchas que a *Coccinella septempunctata* tem nos élitros), com cinco registos nos distritos de Évora, Leiria, Santarém e Setúbal, ou *romeirinha*, com outros cinco registos, também no Sul: Évora, Portalegre e Santarém.

A Madeira é distinta neste aspecto, pois das cinco respostas documentadas, 2 são a já citada *joaninha*, mas 3 representam um tipo ausente dos Açores e do Continente, a forma *rãzinha*. Obviamente, aqui não se trata de animais semelhantes na forma ou no comportamento (especialmente porque as rãs não voam), mas sim podem partilhar habitat, como parece que acontece no caso da Madeira, onde este anfíbio tem uma presença notável, em concreto a *Rã verde da Madeira*, uma espécie introduzida no s. XIX como animal ornamental das casas senhoriais, que rapidamente se estendeu por toda a ilha, desde o nível do mar até acima dos 1500 metros.

5.3. Respostas açorianas que não se documentam no Continente

Das 24 respostas recolhidas no arquipélago, apenas 5 (que representam 3 tipos lexicais distintos) são formas específicas dos Açores. São elas *boa-nova*, documentada no Pico, Graciosa e Terceira e as respostas corvinas *mosquinha-de-Nosso-Senhor* e *avinha-de-Nosso-Senhor*, que, porém, têm equivalentes próximos no Continente: *pita-de-Nossa-Senhora* (apanhada num ponto de Bragança) e *piti-nha-do-São-João* (numa localidade do distrito de Leiria).

6. Designações da libélula

Sob a designação geral de *libelinha* designamos habitualmente os insectos pertencentes à ordem *Odonata*, que conta com 6000 espécies diferentes; conta com duas sub-ordens, *Anisoptera* e *Zygoptera*, cujos indivíduos se diferenciam essencialmente pela posição dos olhos e a morfologia das asas. Em rigor, apenas os anisópteros podem ser chamados *libelinhas* (enquanto os zygópteros são *donzelinhinhas*), mas, como já foi indicado, é habitual que se empregue *libelinha* como genérico. Caracterizam-se por possuir um corpo alongado e dois fortes pares de asas; como as suas ninfas são aquáticas, o seu habitat natural situa-se nas proximidades da água. Embora seja um animal que não pica o ser humano, apresenta umas fortes mandíbulas que, como se verá, às vezes podem fazer com que seja um animal temido e respeitado.

6.1. Designações nos Açores

A designação maioritária tem a ver, precisamente, com o carácter de animal agressivo que se lhe imputa. Assim, em 7 lugares (ilhas do Corvo, Flores, Faial, Pico e Graciosa) registou-se uma resposta *tira-olhos*, mais ou menos equivalente

ao *fura-olhos* documentado na Terceira, nos dois pontos da rede do ALEAç. Sem chegar a criar uma designação específica, na Calheta (S. Jorge) afirmavam que o *besoiro* “tirava os olhos à gente”.

A estas duas formas podemos aproximar também as respostas *espada* ou *espadinha* localizadas no Pico e na Graciosa. Obviamente, é uma designação metafórica, que toma em conta o facto de se tratar dum insecto de forma alongada; mas o objecto elegido para fazer a comparação não é casual, é uma espada, uma arma, um símbolo de agressividade que nos conecta com as designações precedentes. Num dos lugares em que se recolheu, no Carapacho (Graciosa), as crianças dirigiam-se-lhe, dizendo: *espadinha, espadinha, pega lá a tua faquinha*; também diziam que era perigosa porque se metia nos ouvidos. Portanto, das 20 respostas apanhadas, mais da metade, 11, consideram a libelinha como um ser violento, que pode causar dano ao homem.

Um segundo grupo de respostas utiliza designações genéricas ou nomes doutros insectos. Em 3 pontos de S. Miguel e Santa Maria obteve-se a resposta *zângão* (que, propriamente, é o macho da abelha), completada por um registo em S. Miguel de *zângão de água*, com uma especificação referida ao habitat do animal. Num ponto de S. Jorge a forma utilizada foi *besoiro*, que é uma designação geral para os insectos coleópteros, uma das ordens da classe *Insecta*. Olhando para os nomes que recebe a libelinha noutros países europeus (Hoyer 2001), observamos que é habitual o uso de formas como *mosca, tavão, mosquito*, etc.

Em S. Jorge e S. Miguel aparece, em duas ocasiões, a resposta *libelinha*, que é a terceira em termos quantitativos do Continente. A sua etimologia é curiosa: trata-se dum diminutivo de *libélula* (de *libelulinha*, com haplologia), adaptação portuguesa do nome científico, que parte dum latim *LIBELLA* ‘balança’ e também ‘nível (sobretudo de água)’, pelo voo deste insecto, que consegue manter-se equilibrado no ar, e também ficar perto da superfície da água.

Por último, temos duas designações que, na aparência, são as mais enigmáticas. Trata-se das respostas *galo-de-água* e *galo-da-ribeira* em Santa Maria. A segunda parte, a referência à água, não supõe nenhum problema, pois, como vimos, é o habitat natural deste insecto. O problema é a comparação com o galo: por que se emprega o nome dum animal *a priori* tão diferente? Em primeiro lugar tem de se dizer que não é inédito que se use o nome dum animal de tamanho mediano ou grande para dar nome à nossa libelinha, que é também conhecida em português como *cavalinho* ou *cavalo-do-Diabo*; ainda mais, alguns falantes de valão, na Bélgica, designam este insecto como «galo-de-água». É conhecido também o tal procedimento para dar nome a outros insectos, como a *galinha-de-Nossa-Senhora* para a borboleta em português ou para a joaninha em várias línguas (Barros Ferreira 1990: 121-122): «galinhinha-de-ouro» (Itália). Note-se que se está comparando um insecto, que, portanto, tem no facto de voar uma das suas características definidoras, com uma ave, que também pode elevar-se do chão; embora no caso da galinha seja de forma limitada, também é certo que este animal é também mais próximo ao homem do que outras aves, o que favorece o estabelecimento duma metáfora.

6.2. Designações no Continente e na Madeira

Este conceito apresenta bastante diversidade em Portugal continental. A forma mais difundida é *tira-olhos*, que representa 51 das 159 respostas totais e é conhecida praticamente em todo o país (distritos de Aveiro, Braga, Castelo Branco, Coimbra, Évora, Faro, Leiria, Lisboa, Porto, Portalegre, Santarém, Setúbal, Viana do Castelo, Vila Real e Viseu); também existe *corta-olhos* num ponto de Santarém, mas não se documenta no Continente o *fura-olhos* açoriano.

Em segundo lugar, e com presença especial no sul do país, regista-se um grupo de respostas construídas ao redor do azeite. Poderiam ser referência ao recipiente em que se guarda este líquido, que normalmente tem uma ponta fininha e muito alongada, mas pode ser também que se considere que a libelinha fabrique azeite, porque é habitual que na ponta do seu abdómen tenha alguma gota de água (por exemplo, porque a fêmea põe os ovos dentro da água, pois as suas larvas são aquáticas) e que no imaginário popular possa pensar-se que esse líquido é azeite. São estas, *azeiteiro* (22 respostas), *caga-azeite* (2), *pinga-azeite* (3) e *azeitão* (1).

Com 17 registos, temos a designação *libelinha*, conhecida em boa parte do território e que, como já dissemos anteriormente, parte do nome científico do insecto, que teve em conta as suas habilidades de voo. Ligada a esta característica está a designação *avião* (também em plural, *aviões*), necessariamente moderna, documentada em cinco localidades de Bragança, Castelo Branco, Guarda, Porto e Vila Real, além dum *aviadores* em Faro.

Outra designação presente nos Açores que tem equivalente no Continente é *zângão*, que foi apanhado (também no plural, *zangões*, e com a variante *zângaro*) em três pontos dos distritos de Castelo Branco, Coimbra e Viana do Castelo. O resto de designações com vitalidade superior a dois registos é o seguinte: *alfaiate* (8 respostas), *bate-cu* (5), *cavalinho* ou *cavalo do diabo* (7), *cigarra* ou *cegarrela* (8) e, por último, *gaiteiro* (3).

A Madeira tem muito menos diversidade, pois recolhem-se apenas três respostas. Duas delas são o *tira-olhos*, que era também resposta maioritária nos Açores e no Continente, e a outra é *cigarro*, forma masculina do tipo *cigarra* que citámos no parágrafo anterior como resposta documentada em sete pontos do norte de Portugal (distritos de Braga, Bragança, Coimbra, Porto e Viseu).

6.3. Respostas açorianas que não se documentam no Continente

Mais dum terço das respostas açorianas (em concreto, 7 de 20) não têm correspondência no Continente com este significado, pelo menos na rede do ALEPG e nos materiais dialectais consultados. São elas *besoiro* (1 resposta, em S. Jorge); *espada/espadinha* (2, Pico e Graciosa); *fura-olhos* (2, Terceira) – embora sim se documentem em Portugal continental *tira-olhos* ou *corta-olhos* –, *galo-de-água* e *galo-da-ribeira* (2, Santa Maria).

7. Designações do carrapato (*Boophilus microplus* e outros)

A designação de *carrapato* refere um artrópode da classe dos aracnídeos e superfamília dos ixodídeos, que abrange uns 18 géneros e 900 espécies. Trata-se de parasitas que se alimentam do sangue do homem, outros mamíferos ou pássaros e que, por isso, são vectores para a transmissão de muitas enfermidades. O seu habitat é diferente consoante as famílias: algumas apenas se instalam no organismo hospedeiro para se alimentar, normalmente quando este dorme, e há outras, como o *Boophilus microplus* (que é possivelmente o carrapato mais frequente e que causa em todo o mundo centenas de milhões de euros anuais de perdas em gado), que passam quase toda a sua vida no hospedeiro: aderem em fase de larva e desenvolvem-se nele, e só quando conseguem atingir um nível suficiente de desenvolvimento é que as fêmeas caem ao chão para pôr os ovos. Quando não estão no hospedeiro (ou enquanto buscam um novo, pois alguns destes parasitas podem precisar até de três distintos hospedeiros para completar o seu ciclo vital), estes animais vivem em matos, no chão, entre madeiras velhas, etc., donde têm fácil o acesso a um animal hospedeiro.

7.1. Designações nos Açores

Localizámos 21 respostas nos Açores¹¹. A maioria é *carrapato*, que é também uma das duas formas que predominam no território continental, como veremos mais adiante. Aparece em 14 pontos, no grupo central e no oriental (Faial, Pico, S. Jorge, Graciosa, Terceira e S. Miguel), enquanto é desconhecida nas Flores e no Corvo. Quanto à sua origem, é a mesma que a *garrapata* do castelhano, seguramente uma voz pré-romana, comum à do basco *kapar(ra)* ‘sarça, silveira’, pois tanto o animal como a planta agarram forte a pele e picam.

O segundo grupo de designações situa-se essencialmente nas ilhas ocidentais, com um registo mais isolado no Pico. Todas elas têm como base o substantivo *piolho*. É evidente o paralelo entre os dois animais: embora o piolho seja um insecto e o carrapato um aracnídeo, os dois são parasitas que infestam o homem ou outros animais. Estas formas são as seguintes: *piolho-do-mato* (4): Corvo, Flores, Pico; *piolho-de-queiró* (1): Flores; *piolho-de-melro* (1): Flores. As duas primeiras referem-se ao habitat do parasita quando ainda não está instalado no animal: zonas de arbustos que lhe servem de cobertura e que facilitam a sua instalação no hospedeiro quando este está a alimentar-se da vegetação. Quanto a *piolho-de-melro*, seguramente o informante estará a referir-se a algum tipo de carrapato que ataca as aves, um facto que é bastante frequente, especialmente à volta dos olhos, e que, pela grande mobilidade das aves, constitui um meio de difusão de graves doenças, como a enfermidade de Lyme (ou borreliose).

¹¹ Nas Terras (Pico) distinguem o *carrapato*, parasita dos cães, do *piolho-do-mato*, parasita dos bovinos.

Por último, em S. Roque, no Pico, apareceu a forma *aranhão*, alternando com *carrapato*, se bem que o informante esclareça que a primeira é a designação mais antiga nesse lugar. A explicação da designação é óbvia, uma vez que já indicámos que o carrapato é um aracnídeo, dotado, portanto, de oito patas, como as aranhas, e com características morfológicas semelhantes, o que ajuda a estabelecer uma comparação.

7.2. Designações no Continente e na Madeira

Não é um conceito que tenha uma grande variedade nas designações nem em Portugal continental nem na Madeira.

A forma maioritária no Continente (181 das 239 respostas recolhidas) é o tipo *carracha* (com as variantes *carracha*, *carracho*, *alcarracha* e *carracha*), que se conhece em todos os distritos do Portugal continental, desde Viana do Castelo até Faro, com extraordinária vitalidade; trata-se duma designação que apresenta bastantes problemas etimológicos, mas que seguramente terá também uma origem muito antiga na língua. Com 46 registos, temos as respostas *carrapata* e *garrapata*, documentadas na maioria do Portugal continental (Aveiro, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Évora, Faro, Guarda, Porto, Setúbal, Viseu e Viana do Castelo) e que já foram comentadas anteriormente. Concentrada no distrito de Bragança está a resposta *sancha* (com a variante *sanchina*), que se conhece também no sul da Galiza.

No que diz respeito à Madeira, das nove respostas documentadas, sete são do tipo *carrapato* (Boaventura, Calheta, Curral das Freiras, Estreito de Câmara de Lobos, Porto da Cruz, Santa). Em Porto Santo documentou-se a forma predominante no Continente, *carracha*, e, por último, em Boaventura, alternando com *carrapato*, apareceu também *carrasca*.

7.3. Respostas açorianas que não se documentam no Continente

Das respostas documentadas nos Açores, apenas *carrapato* é conhecido no Continente. As outras designações não aparecem nem na rede do ALEPG nem nos materiais dialectais consultados. Podemos dividi-las em dois grupos. O primeiro deles tem o substantivo *piolho* como base: *piolho-do-mato* (4 respostas: Corvo, Flores, Pico); *piolho-de-melro* (1 resposta: Flores) e *piolho-de-queiró* (1 resposta: Flores). O segundo grupo, que contém apenas um aumentativo de *aranha*, só foi documentado uma vez, em S. Roque, na ilha do Pico.

8. Comentário global

Na sequência do que foi apresentado, far-se-á um comentário global dos dados. Há que ressaltar, no entanto, o seguinte: dado o reduzido número de conceitos analisados, tal comentário deve ser encarado como uma primeira aproximação à

variação e à identidade lexical açorianas e não como uma generalização aplicável a todo o espaço linguístico açoriano. A isto há que acrescentar um outro factor: nem todos os campos semânticos apresentam as mesmas características e tendências lexicais. Isto porque existem campos que propiciam a conservação de designações mais antigas e outros que são mais propícios ao aparecimento de termos mais recentes. A nossa exposição é, portanto, apenas uma primeira aproximação para este tipo de estudos. Assim, tornar-se-á necessário alargar abordagens como esta a outro tipo de dados.

8.1. *Diversidade lexical*

À excepção do conceito ‘vinagreira/pisco’, desconhecido nas ilhas do grupo ocidental, todos os restantes são conhecidos no conjunto do arquipélago, com maior ou menor diversidade lexical (isto é, o número de formas lexicais diferentes para referir um mesmo conceito). Consta-se que não se pode relacionar a diversidade lexical encontrada com o tamanho ou número de habitantes de cada uma das ilhas. É no Pico que encontramos uma maior diversidade lexical: 12 designações específicas para os 6 conceitos estudados; em S. Miguel, com mais 300 km², 10 vezes mais populosa e com o dobro de pontos de inquérito, foram recolhidas 11 designações específicas. Por sua vez, o Corvo e a Graciosa, as mais pequenas dos Açores, apresentam maior diversidade do que Santa Maria e a ilha que nos acolhe na primeira parte deste congresso, Faial, onde se recolheram apenas 7 designações distintas para os seis conceitos analisados¹².

8.2. *Especificidade lexical de cada ilha em relação ao Continente*

Analisa-se aqui a percentagem de respostas que podemos considerar como tipos lexicais açorianos, entendidos como aqueles que aparecem na rede do ALEAç, mas não no Continente. Para dar nome ao pisco, são elas: *bicho-de-Nossa-Senhora*, *caixinha*, *papalvo*, *Santo-Antoninho* e *vinagreira/vinagrita*. Para a toutinegra, *toutola* ou *toitola*. Para a lavandeira, *avezinha-de-Nossa-Senhora* e *galinha-de-Nossa-Senhora*. Para a joaninha, *boa-nova*, *avinha-de-Nosso-Senhor* e *mosquinha-de-Nosso-Senhor*. Para o tira-olhos, *besoiro*, *espada/espadinha*, *fura-olhos*, *galo-de-água* e *galo-da-ribeira*. Por último, para o carrapato registam-se *aranhão* e as similares *piolho-de-queiró*, *piolho-de-melro*, e *piolho-do-mato*,

No tocante à sua distribuição geográfica, distinguiremos três grupos que, como se verá, não correspondem à divisão geográfica do arquipélago.

a) O primeiro deles é o que se caracteriza por uma maior diferenciação relativa ao Continente, isto é, apresenta mais formas típicas dos Açores e inexistentes em Portugal continental. São elas: Flores (das 13 respostas apanhadas nos dois pontos

¹² No Corvo e em Santa Maria recolheram-se 7 designações distintas para 5 conceitos na primeira e 8 para 6 na segunda.

de inquérito, 7 eram açorianismos, o que implica uma percentagem do 53'85%), Santa Maria (50%), Pico (43'75%) e, em igualdade percentual, o Corvo e a Terceira (42'85%).

b) O segundo grupo apresenta uma especificidade lexical moderada: S. Jorge conta com 30'77% de léxico específico açoriano (4 das 13 respostas), S. Miguel com 26'92% e a Graciosa com 25%.

c) O terceiro grupo, em que está apenas a ilha do Faial, que se caracteriza por uma baixíssima diferenciação lexical: só 1 das 13 respostas (7'7%) é açorianismo, e nem sequer totalmente, pois trata-se da forma *galinha-da-Nossa-Senhora* e em Leiria foi obtida a resposta *galinha-de-Nosso-Senhor*.

8.3. Áreas lexicais açorianas

No que diz respeito a áreas dialectais internas dentro do arquipélago, o número de conceitos que maneámos torna impossível qualquer divisão globalizante, pois, como é sabido, cada palavra tem a sua história, e a escolha doutros conceitos poderia ter alterado de forma relevante a sua distribuição. Com as devidas limitações, podemos fornecer os seguintes indícios:

1. Individualmente, é a Graciosa a ilha que conta com maior especificidade lexical dentro do arquipélago, isto é, aquela que apresenta mais respostas ausentes no resto das ilhas. Em três dos seis conceitos apresentou respostas inexistentes no resto do arquipélago, mas que se encontram em Portugal continental. São estas: *papo amarelo* ('vinagreira'), *cabeça negra* ('toutinegra') e *lavandeira* ('lavandeira').

Mas se tratarmos em conjunto o grupo oriental, S. Miguel e Santa Maria – que antigamente formaram um só núcleo administrativo – é maior a sua oposição lexical em relação ao resto das ilhas. Assim, em 4 dos seis conceitos este grupo apresenta designações ausentes no resto do arquipélago: *Santo-antónio* ('vinagreira'), *arvela* ('lavandeira'), *carochinha* ('joaninha') e *zângão* ('tira-olhos').

2. Analisando os três grupos, numa perspectiva de coincidência de formas, observamos que:

a) Apenas os tipos *toito/a* e *joaninha* existem em todos os grupos, se bem que só o segundo está presente na totalidade das ilhas, pois, dentro do grupo central, *toito* é conhecido unicamente em S. Jorge.

b) Existem sinergias tanto entre o grupo ocidental e o central como entre este e o oriental, mas não há paralelismos entre o grupo oriental e o ocidental que não existam também no central, que desempenha, portanto, um papel de charneira entre as áreas.

Os tipos *vinagreira*, *papinha*, *libelinha* e *carrapato* são conhecidos no centro e no leste do arquipélago. Por sua vez, as respostas *toitinegro/a*, *lavandeira*, *tira-olhos* e *pioelho-do-mato* coincidem na área central e na ocidental; do mesmo modo, os modificadores *do-Nosso-Senhor* ou *da-Nossa-Senhora* estão presentes, para um ou outro animal, no grupo ocidental e no central (com excepção de S. Jorge), mas não no oriental.

Bibliografía

- ALEAç = BARROS FERREIRA *et alii* (2001, 2008) e SEGURA, Luísa e VITORINO, Gabriela (no prelo).
- ALiR = CONTINI, Michel (dir.) (2001): *Atlas Linguistique Roman (ALiR)*, Volume IIa *Cartes*; *Atlas Linguistique Roman (ALiR)*, Volume IIa, *Commentaires*. Roma: Istituto Poligrafico e Zecca Dello Stato.
- ÁLVAREZ, Rosario (2006): “Os nomes galegos do *Erithacus rubecula*”, em Maria Clara Rolão Bernardo e Helena Mateus Montenegro (orgs.), *I Encontro de Estudos Dialectolóxicos (Universidade dos Açores, Ponta Delgada, 2003)*. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, pp. 49-72.
- ÁLVAREZ PÉREZ, Xosé Afonso (no prelo): “Cartografía lingüística de Galicia e Portugal”, Emili Casanova *et al.*, *Actes du XXVI^e Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes*.
- BARROS FERREIRA, Manuela e ALINEI, Mario (1990) “Q.126. Coccinelle. Cartes de motivations. Commentaire”, *Atlas Linguarum Europae. Commentaires*, Volume I, Quatrième Fascicule, Assen/Maastricht: Van Gorcum, pp. 99-199 (mais as cartas I.42, I.43 e Carte I.44).
- BARROS FERREIRA, Manuela; SARAMAGO, João; SEGURA, Luísa; VITORINO, Gabriela, com a colaboração de Ernestina Carrilho e Maria Lobo (2001): *Atlas Lingüístico-Etnográfico dos Açores*, vol. I: *A Criação de Gado*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade; Angra do Heroísmo: Direcção Regional da Cultura. [Republicado em 2008 pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda]
- Cândido de Figueiredo = FIGUEIREDO, António Cândido de (1986⁴): *Nôvo Dicionário da Língua Portuguesa*, 2 vols., Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão [1.^a ed.: 1899].
- Caprini, Rita (2009): “Les désignations romanes du ROUGE-GORGE”, *Atlas Linguistique Roman (ALiR)*, Volume IIb *Cartes*; *Atlas Linguistique Roman (ALiR)*, Volume IIb, *Commentaires*. Roma: Istituto Poligrafico e Zecca Dello Stato, pp. 425-459.
- DCECH = COROMINAS, Joan / PASCUAL, José Antonio (1980-1991): *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*. 6 vols. Madrid: Gredos.
- GARCÍA MOUTON, Pilar (2003): “*Petites bêtes* y etnotextos en el *Atlas Lingüístico y etnográfico de Castilla-La Mancha*”, em Rita Caprini (ed.) *Parole romanze. Scritti per Michel Contini*. Alessandria: Edizioni dell’Orso, pp. 151-163.
- 418 HERNÁNDEZ, Esther (2003): “Los nombres del *petirrojo* (*Erithacus rubecula*) en español. Etimología y reconstrucción léxica”, em Rita Caprini (ed.) *Parole*

romanze. Scritti per Michel Contini. Alessandria: Edizioni dell'Orso, pp. 203-220.

HOYER, Gunhild (2001): “Les désignations romanes de la libellule”, em CONTINI, Michel (dir.): *Atlas Linguistique Roman (ALiR)*, vol. 2a. Roma: Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato, pp. 281-317.

ICNB = Instituto da Conservação da Natureza e da Biodiversidade (2008): *Atlas das aves nidificantes em Portugal (1999-2005)*. Lisboa: Assírio e Alvim.

MONDÉJAR, José (1991): “Algunos nombres románicos de la aguzanieves (*Motacilla alba* L.) (ALEA II, 414; ALEANR IV, 458; ALEICan I, 310)”, *Archivo de Filología Aragonesa*, pp. 127-142. Disponível em

<http://ifc.dpz.es/recursos/publicaciones/15/72/07mondejar.pdf> (última consulta: 21/05/2010).

Morais = MORAIS SILVA, Antônio (1949¹⁰): *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Confluência [edição revista e aumentada por A. Moreno, Cardoso Júnior e J. P. Machado].

Porto Editora = COSTA, J. Almeida e MELO, A. Sampaio (1997⁷): *Dicionário da Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora.

SARAMAGO, João (2002): “Diferenciação lexical interpontual nos territórios galego e português (Estudo dialectométrico aplicado a materiais galegos do ALGa)”, em Rosario Álvarez, Francisco Dubert García e Xulio Sousa Fernández (eds.), *Dialectoloxía e léxico*. Santiago de Compostela: Instituto da Lingua Galega / Consello da Cultura Galega, Sección de Lingua, pp. 41-68. Disponível em

<http://consellodacultura.org/mediateca/extras/dialectoloxia.pdf> (última consulta: 21/05/2010).

SARAMAGO, João (2006): “O Atlas Lingüístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG)”, *Estudis Romànics*, XXVIII, pp. 281-298. Disponível em linha em <http://publicacions.iec.cat/repository/pdf/00000018/00000002.pdf> (última consulta: 21/05/2010).

SARAMAGO, João e ÁLVAREZ, Xosé Afonso (no prelo): “Um novo olhar sobre áreas lexicais portuguesas”, *Actas do II Simposio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa*.

SARAMAGO, João e BETTENCOURT GONÇALVES, José (2003): “Diferenciação lexical interpontual nos Açores (estudo dialectométrico aplicado em materiais do ALEAç)”, em Rita Caprini (ed.) *Parole romanze. Scritti per Michel Contini*. Alessandria: Edizioni dell'Orso, pp. 421-440. Disponível em

<http://www.clul.ul.pt/equipa/jsaramago/saramago&bettencourt.pdf> (última consulta: 21/05/2010).

- SARAMAGO, João e BETTENCOURT GONÇALVES, José (2004): “Variação lexical – abordagem efectuada aos materiais do Volume I do Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores”, in *O Faial e a periferia açoriana nos séculos XV a XX (Actas do III Colóquio, realizado em Maio de 2002 nas ilhas do Faial e das Flores)*, Horta: Núcleo Cultural da Horta, pp. 543-595. Disponível em http://www.clul.ul.pt/equipa/jsaramago/saramago&bettencourt_prelo.pdf (última consulta: 21/05/2010).
- SARAMAGO, João e BETTENCOURT GONÇALVES, José (2008): “Açorianismos”, em Aparecida Negri Isquierdo (ed.): *Estudos geolingüísticos e dialetais sobre o português. Brasil-Portugal*, Campo Grande: UFMS, pp. 273-288. Disponível em http://www.clul.ul.pt/equipa/jsaramago/2006_22.pdf (última consulta: 21/05/2010).
- SEGURA, Luísa e VITORINO, Gabriela (2010): *Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores*, vol. II. *A vinha e o vinho. Os trabalhos do linho e da lã*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa e Imprensa Nacional-Casa da Moeda.